

Teatro

Crítica

O Céu de Sacadura

RUI CINTRA

Integrado no Festival dos 100 Dias, que agora vai a metade, estreou na passada semana esta peça original de Luísa Costa Gomes, encomenda do festival, acerca da vida e da morte do piloto português Artur Sacadura Cabral. Mas mais do que narrar os factos da vida do almirante, pretende-se reflectir paralelamente sobre o que é isso de ser português, das dificuldades de lidar com a fama (característica também muito nossa) e aprofundar as questões que se prendem com o reconhecimento do valor próprio (e da inveja que tal acarreta). Afinal, fala da nossa identidade e da nossa memória. O espectáculo divide-se em duas partes fundamentais, que estão invertidas cronologicamente. Toda a narrativa é construída de frente para trás, imitando de algum modo o processo de interpretação da história (que se faz do presente para o passado). De um modo fragmentado vamos entrando em contacto com o último projecto-sonho de Sacadura Cabral, a circum-navegação aérea do mundo, e com todas as ressonâncias que isso trás para a nossa história. O projecto acaba por ser impedido pela burocracia, pela indisciplina e pela incapacidade do governo de sonhar o sonho do navegador. Sacadura Cabral desaparece no mar, não ao realizar a viagem à volta do mundo, mas ao tentar bater uma distância recorde sem escalas entre Amesterdão e Lisboa.

Um espectáculo onde a componente visual é bastante forte, que tira partido de efeitos por vezes espectaculares (como o apontar do projector para o magnífico lustre do D. Maria, cujos reflexos enchem a sala, de modo a simular um very-light, disparado em alto mar), e que vive de algumas boas interpretações dos actores. O destaque aqui vai para o trabalho de Fernando Luís, na pele de Sacadura, e talvez aquele que consegue a personagem mais consistente. O mesmo já não podemos dizer de Ana Bustorff, que não se entende porque estiliza tanto a sua personagem com gestos bruscos e inflexões um tanto artificiais. Ficamos sem saber se estamos perante uma mulher visionária que habita o seu próprio mundo, fulgurante e cheia de vida, capaz de impressionar o inimpressionável oficial, ou se estamos perante uma tonta. Talvez as duas, quem sabe? Fer-

a quem quer ver uma pálida sombra da comédia à portuguesa, mais para relembrar tempos que já lá vão do que para viver o presente. Ele há dias que mais vale ficar em casa. **RC**

O FILHO DE RAMA

Teatro Babá. De Isabel Nóbrega. Enc. Rui Pisco

Um espectáculo simpático, ainda que algo confuso para os pequeninos: a história do elefante bebé Rama, que descobre o mundo que o rodeia, enfrenta os seus medos, faz amigos e lida com as coisas simples que constituem o seu quotidiano. Enfrenta a ausência dos pais e a noite e descobre que pode estar sozinho porque os pais hão-de regressar. O texto aponta para universos familiares às crianças pequenas e nesse aspecto está bem construído. Porém, algumas repetições podem aborrecer os meninos mais velhos, que esperam ver mais acção. Também a lentidão das movimentações e do desenrolar da história cria algumas dificuldades, e nem sempre a gestualidade é suficiente explícita para

permitir aos meninos descodificar o que é que se está a passar, tendo os pais ou educadores que colmatar essas falhas e ajudá-los a compreender. O que também não é mau de todo. Um destaque para os figurinos dos bichos, que são bastante engraçados. **RC**



AS AVENTURAS DE JOÃO PADÃO À DESCOBERTA DA AMÉRICA DE DARIO FO

Enc. e int. de Filipe Crawford

O regresso de Filipe Crawford ao universo do agora laureado Dario Fo. Trata-se de um dos textos de Fo representados pela primeira vez entre nós e um dos que mais polémica provocou com os poderes eclesiásticos em Itália. Uma surpren-

dente história contada num monólogo, que tem a capacidade de prender o espectador e de transportá-lo nas aventuras deste João Padão. A personagem é um veneziano do século XV que, fugindo da Inquisição, embarca para as Américas nas caravelas de Colombo. O contacto com o Novo Mundo serve de contraste crítico para pôr em causa a sociedade do seu tempo, onde é tão fácil reconhecer as semelhanças com a nossa. Filipe Crawford dá a esta personagem a forma de um zanni, uma figura da Commedia dell'Arte, recorrendo a um sucessivo uso da máscara para imprimir ritmo narrativo e variações no discurso. Mas é pela sua capacidade comunicativa que ele nos impõe a narrativa, e não tarda a que nos deixemos arrastar para as longínquas paragens por onde João Padão passa as maiores alegrias e terrores, numa sequência fabulosa de situações hilariantes. Um espectáculo divertido, de recursos estilísticos simples garantidos pela técnica do actor, e pensado para digressão. A não perder. **RC**

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

CICLO

nanda Alves, sem grandes exageros, compõe a noiva de Sacadura envelhecida e enlouquecida que vemos desenhar-se no início do espectáculo, mas com muito mais sobriedade e credibilidade – uma presença simpática. Entre os restantes elementos (e estamos a falar de um conjunto razoável de actores com provas dadas) talvez se destaque, por uma presença forte, João Grosso, que mesmo assim consegue estar mais contido do que o habitual. A maior dificuldade do espectáculo advém da notória assimetria entre a primeira e a segunda parte, sendo a primeira mais arrastada e muito mais pesada do que a segunda, mudanças de ritmo já habituais nas peças de Luísa Costa Gomes. A encenação fica mais presa da concepção visual e de um certo abstraccionismo plástico do que propriamente da procura de uma certa verdade do espectáculo. Algumas cenas pouco compreensíveis como sejam o encadear do público com os espelhos, ou as várias subidas de Marcello Urgeghe à plataforma por cima do globo terrestre para fumar o seu cigarrinho empobrecem um tanto um espectáculo ainda assim satisfatório.

O CÉU DE SACADURA

De Luísa Costa Gomes. Teatro D. Maria

■ O PRATO DO DIA

Com Margarida Reis, José Boavida, Ana Luís e Agostinho Macedo. Enc. Henrique Macedo, no Teatro Maria Matos

Primeira produção que assinala o aparecimento desta nova companhia, o Grupo Comédias de Lisboa. Uma comédia revisiteira (no mau sentido que o termo, infelizmente, granjeou) com actores de revista e toda a parafernália do género, desde os gags e do estilo de representação aos enganos fingidos para fazer rir o público, e por aí fora. O texto, de uma pobreza lancinante, mal me conseguiu arrancar um sorriso e

mesmo assim com alguma força de vontade. A história é de uma linearidade confrangedora, o que pouco adianta para nos prender a atenção. O marido enganado que também engana a esposa com a empregada e as confusões esperadas que daí advêm são um pseudo-elemento de contemporaneidade. A primeira parte do espectáculo é um ensaio da peça em curso com a referência a elementos fora do palco, como a voz da encenadora, as deixas para a plateia e as trocas de galhardetes entre os actores fora do contexto da peça. No entanto, o espectáculo pode agradar

CLÁSSICOS do SÉC. XX

Ciclo Clássicos do Séc. XX -5

GRANDE AUDITÓRIO - CCB



CENTRO CULTURAL DE BELÉM

7 de Abril

às 21:30h

Debussy

Stravinski

Messiaen

Jeux

Jeu de Cartes
(Ballet en trois «donnes»)

Chronochromie



Fundação de São Carlos

MIC
MINISTÉRIO DA CULTURA

MECENAS EXCLUSIVO:



Direcção musical: JORGE MESTER

Co-produção: FUNDAÇÃO DE SÃO CARLOS / EXPO 98

Este programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

BILHETEIRA/INFORMAÇÕES:

TEL. (01) 346 59 14 • FAX (01) 343 06 13

<http://www.saocarlos.pt> - Email: opera@saocarlos.pt